



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

AS RELAÇÕES DE GÊNERO E O ENSINO DE MATEMÁTICA: REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Cristiana Barra Teixeira, Maria Dolores dos Santos Vieira

*Universidade Federal do Piauí cristiana_barra@yahoo.com.br, Universidade Federal do Piauí
doloresvieiraeduc@hotmail.com*

Resumo

O que os alunos e as alunas pensam sobre o ensino de Matemática? É a questão norteadora deste estudo qualitativo descritivo construído a partir de relatos de nossa experiência docente em turmas do Curso de Pedagogia, na disciplina de Didática da Matemática e Psicologia da Educação no Curso de Licenciatura Plena em Matemática, sendo esses cursos da Universidade Federal do Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros em Picos, ano 2014. Tem o objetivo de discutir sobre gênero e educação no meio acadêmico a partir das concepções construídas por alunos e alunas sobre o ensino de Matemática. O estudo possibilitou a reflexão de fatores associados às atitudes de alunos/as em relação a esse componente curricular, da percepção docente a respeito de como é construído o ensino da matemática no Curso de Licenciatura Plena em Matemática e como a Psicologia da Educação interviu nessa realidade. Descrevemos, ainda, experiências da docência nas aulas de Didática da Matemática no Curso de Pedagogia fazendo uma interlocução entre o ensino da matemática e as relações de gênero. Respalda-mo-nos nas contribuições de autores/as como: Simião (2005), Felipe e Guizzo (2003), Teixeira (2012), Louro (1997) dentre outros/as. À luz desses aportes teóricos e das reflexões suscitadas apontamos que os gêneros agem de forma diferenciada buscando formas diferentes de alcançar seus objetivos e encontrar caminhos para assegurar suas ambições, seus desejos. Com ações distintas, porém não menos eficazes. As relações de gênero são repletas de poder que perpassam as relações do cotidiano e se manifestam na educação.

Palavras-chave: Relações de gênero. Ensino de matemática. Sociopoética.

RESUMEM

¿Lo que alumnos y alumnas piensan sobre el ensino de Matemáticas? Es la cuestión norteadora de esta investigación cualitativa descriptiva construida a partir de relatos de nuestra experiencia docente en clases del Curso de Pedagogía, en la asignatura de Didáctica de la Matemáticas y Psicología de la Educación del Curso de Licenciatura Plena en Matemáticas, siendo esos cursos de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

la Universidad Federal del Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros en Picos, año 2014. Tiene el objetivo de discutir sobre género y educación en el medio académico partiendo de concepciones construidas por alumnos y alumnas sobre el enseño de Matemáticas. La investigación permitió reflexionar sobre factores asociados a las actitudes de alumnos/as en relación a ese componente curricular, la percepción docente a respecto de cómo es construido el enseño de Matemáticas en el Curso de Licenciatura Plena en Matemáticas y como la Psicología de la Educación intervino en esta realidad. Describimos todavía, experiencias de la docencia en las clases de Didáctica de la Matemáticas en el Curso de Pedagogía haciendo una interlocución entre el enseño de la matemáticas y las relaciones de género. Nos respaldamos en las contribuciones de autores/as como: Simião (2005), Felipe y Guizzo (2003), Teixeira (2012), Louro (1997) y otros/as. A la luz de esos aportes teóricos y de las reflexiones suscitadas apuntamos que los géneros ajen de forma distinta buscando formas impares de alcanzar sus objetivos y encontrar caminos para asegurar sus ambiciones, sus deseos. Con acciones diferentes, pero no menos eficaces. Las relaciones de género son repletas de poder que ultrapasan las relaciones del cotidiano y se manifiestan en la educación.

Palabras llave: Relaciones de género. Enseño de Matemáticas. Sociopoética.

Introdução

Tecemos este artigo com o objetivo de discutir o tema gênero e educação no meio acadêmico considerando as concepções construídas por alunos e alunas sobre o ensino de Matemática identificando possíveis fatores associados às atitudes de alunos/as em relação a esse componente curricular. Sua construção partiu da seguinte proposição: O que os alunos e as alunas pensam sobre o ensino de Matemática? Utilizamos relatos de nossa experiência docente em turmas do Curso de Pedagogia, na disciplina de Didática da Matemática e do Curso de Licenciatura Plena em Matemática através da disciplina Psicologia da Educação, sendo esses cursos da Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros em Picos, ano 2014.

Trata-se de estudo descritivo de abordagem qualitativa na modalidade de relato de experiência resultado da docência realizada nesses dois campos de estudo. Optamos por fazer relatos de nossas experiências docentes, uma vez que, a relevância de um relato de experiência está na pertinência e importância dos problemas que nele se expõem, assim como o nível de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

generalização na aplicação de procedimentos ou de resultados da intervenção em outras situações similares. De outro modo, serve como uma colaboração à práxis metodológica da área à qual pertence.

Esta escritura respalda-se na possibilidade de conhecermos um pouco mais das implicações das relações de gênero no ensino de Matemática, partindo do pressuposto de que o gênero é uma das categorias importantes nos estudos sobre a sociedade, ao mesmo tempo em que registramos o nosso interesse em aprofundar reflexões que contribuam para a melhoria dessas relações no espaço da sala de aula, por percebemos que nelas há implícitas, muitas vezes, preconceitos e discriminações acerca das possibilidades do ensino ou da aprendizagem matemática, sedimentadas em concepções baseadas na polarização do sexo, notadamente, na supremacia masculina.

O presente texto foi estruturado em duas partes: a primeira traz uma interessante discussão acerca da percepção docente a respeito de como era construído o ensino da matemática no Curso de Licenciatura Plena em Matemática e como a Psicologia da Educação interviu nessa realidade, enquanto disciplina que concebe homens e mulheres como seres históricos, sociais e culturais. A segunda descreve momentos marcantes da prática educativa das professoras nas disciplinas Didática da Matemática e Psicologia da Educação numa interlocução entre o ensino da matemática e as relações de gênero.

Matematizando o gênero?

A categoria gênero pode ser entendida “como uma linguagem, uma forma de comunicação e ordenação do mundo, que orienta a conduta das pessoas em suas relações específicas, e que é, muitas vezes, base para preconceitos, discriminação e exclusão social” (SIMIÃO, 2005: p. 13).

Se considerarmos o quantitativo de homens e mulheres no Curso de matemática, na turma, cenário do estudo, em que se destaca a soberania masculina, nós poderíamos, aleatoriamente, conceber que as mulheres têm mais dificuldades com a matemática, pois são o contingente menor, entretanto ao refletirmos sobre a metodologia utilizada para o ensino da matemática, no Curso de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Matemática, percebemos muitas diferenças, daquela recomendada pela Didática da Matemática, do Curso de Pedagogia.

As posturas discentes apontam, inadvertidamente, para fissuras e fragilidades nas relações de gênero, que por esse viés são reconhecidas inclusive, como diferentes no que dizem respeito ao ensinar e aprender conceitos dessa ciência exata, uma referendando o ensino da matemática como área do conhecimento adequada ao exercício docente masculino, por ser considerada de difícil compreensão e requerer a aplicação de regras e fórmulas, que as mulheres têm mais dificuldades para apreender.

Nessa panorâmica, as relações são minadas pela divisão sexual e se consolidam na docência desse componente curricular através da ausência de uma didática adequada ao ensino, não ao sexo da/o discente, a questão não é como ensinar matemática a meninas ou a meninos, mas ensinar matemática, como respeitar as diferenças individuais, não como classificar quem aprende mais, em menor tempo, com maior ou menos dificuldade, e se assim o for, que sejam considerados os aspectos cognitivos, não a condição sexual. O ser humano aprende diferente, se constrói diferente enquanto discente, assim também, o educador/a. Falta, então, esse olhar e a vontade de ensinar para que o outro/a aprenda e não para a comprovação de que quem sabe de fato é o professor/a e que o aluno/a deverá se esforçar muito para talvez aprender o mínimo. Essa é uma questão em que se encontram implicações de gênero.

Para Felipe e Guizzo (2003, p. 121), gênero está “relacionado fundamentalmente aos significados que são atribuídos ao ser mulher ou ao ser homem em diferentes sociedades e épocas”. Já Scott (1995) considera que as relações de gênero são também relações de poder. Considera que o gênero é social e culturalmente construído, representa e estabelece relações de poder entre os sujeitos de cada gênero e mesmo entre sujeitos do mesmo gênero (SCOTT, 1995; COSTA, 1994). Assim, todos os segmentos da sociedade contribuem para esta construção, inclusive a escola, as atrizes e os atores que nela atuam.

A reprodução da docência que privilegia determinadas disciplinas em detrimento de outras, é histórica, no entanto é preciso superar essa visão colonizadora do saber, ela precisa estreitar os laços entre docentes dessas áreas, pois não podemos prosseguir com discursos contraditórios, da



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Pedagogia e da Matemática, formamos pessoas para pessoas, não formamos números, apesar de sermos estatísticas não só nas ciências exatas.

Ao adotar a visão relacional de gênero entende-se que “a superação da lógica binária contida na proposta da análise relacional de gênero [...] é fundamental para que construa um novo olhar aberto às diferenças” (RAGO, 1998, p. 98). Permite a percepção de que as diferenças não significam inferioridades ou superioridades. Com relação aos cursos de formação docente, partimos do pressuposto de que a universidade não deve atuar como mantenedora da cultura dominante e das regras estabelecidas pela sociedade. Ela deve ser um instrumento importante na transformação de tais normas para assegurar a todos/as o direito à educação que liberta e supera paradigmas de exclusão. Em alguns casos não o fazendo por desconhecimento, por ausência de uma formação que prepare professoras/es para atuar como agentes ativos/os em compreender e interagir com as novas demandas da diversidade.

As observações realizadas durante as aulas da disciplina Psicologia da Educação, no Curso de Matemática, permitiram a reflexão coletiva dessas questões e culminaram com práticas educativas ancoradas na Psicologia, no papel de disciplina que busca compreender homens e mulheres como seres históricos, sociais e culturais, promovendo assim, situações de ensino e de aprendizagem dos conteúdos matemáticos, à luz das abordagens teóricas do desenvolvimento e da aprendizagem humana nestes termos.

Na esteira dessas ideias, reiteramos a importância da (re)construção das identidades de gênero dos/as estudantes do Curso de Matemática, pelas/os docentes e discentes, sob o risco de nós assumirmos o legado da desumanização do ensino da matemática, pois aliar conhecimento matemático à humanização do ensino, é prioritariamente, desmistificar o processo de matematização das genialidades que se reservam ao sexo masculino.

A Sociopoética do Ensino da matemática: das concepções às práticas docentes

A pesquisa sobre o Ensino de Matemática tem apresentado nas últimas décadas vários trabalhos enfocando as concepções dos professores/as sobre Matemática e questões relacionadas ao



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

seu ensino e aprendizagem dos alunos/as. Acreditamos que a maneira própria de cada professor/a ver a matemática determina a sua prática pedagógica. Diversos pesquisadores/as têm se dedicado a analisar as atitudes e as crenças, principalmente dos/as professores/as, e são mais raras as investigações com estudantes, sobretudo os/as da educação superior, assim justificamos a grande relevância do nosso trabalho.

Para Cury (1999), o interesse pelo estudo sobre as crenças e concepções relacionadas aos professores de matemática surgiu no início do século XX a partir de preocupações de psicólogos sociais que buscavam compreender a influência das crenças no comportamento humano. “A influência das concepções e crenças sobre as práticas dos professores e sobre o desempenho dos alunos em matemática parece ser aceita pela maior parte dos que pesquisaram o assunto” (CURY, 1999, p. 2).

Discutindo a importância do estudo das crenças dentro da Educação Matemática, Ferreira (2002) apresenta alguns dos principais trabalhos realizados e relaciona os resultados encontrados entre si. A autora cita a definição e características das crenças, ressaltando a evolução do termo, segundo diversos autores, e, afirma que as definições apresentadas sobre o constructo crença são convenções e destaca a importância de uma base teórica para o embasamento das pesquisas, mas adverte: “Há, porém, a responsabilidade de se comunicar ideias e resultados tão claramente quanto possível, na construção de uma base teórica para a pesquisa.” (FERREIRA, 2002, p. 70).

Dessa maneira, evidenciamos a importância de o professor ou professora dessa disciplina, saber identificar suas próprias concepções a tempo de conseguir, também, definir como pode influenciar na formação e atitudes dos alunos/as. Segundo Cury (1999), a identificação de concepções contribui para a aplicação de uma metodologia adequada aos alunos/as.

É no contexto da escola, que na maioria das vezes, são constituídas as concepções em relação à Matemática, pelos/as professores/as dessa disciplina. As concepções constituídas pelos alunos/as definirão a aplicação que dedicarão à Matemática, bem como sua motivação para a aprendizagem. Se na vida escolar, alunos e alunas oportunizarem experiências positivas com o ensino da Matemática, terão maiores possibilidades de constituírem visões positivas em relação a essa matéria.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Seguindo as pistas de Teixeira (2012) percebemos que há esforços nas orientações pedagógicas para tornar a Matemática uma disciplina mais fácil, o que denuncia a existência de uma concepção negativa, tanto em relação aos/as professores/as quanto aos alunos/as, sobre o ensino e à própria disciplina.

Ferreira (2002) indica a importância da modificação de concepções negativas logo após sua constituição, mostrando que o tempo é fundamental para a definição dessas concepções. Evidentemente, a prática docente diante desse componente curricular merece um olhar mais sensível em respeito à sua importância social e ao alcance dos seus saberes no cotidiano das sociedades.

Esta mudança pode ser proporcionada através do planejamento do professor/a, durante a prática; a diversificação nas aulas e a proposta de atividades envolvendo pesquisa, resolução de problemas, atividades utilizando a história da Matemática e a aplicação de conceitos envolvendo funções proporcionam uma mudança nas atitudes dos alunos, fazendo com que esses observem a Matemática como uma disciplina com conceitos realmente aplicáveis.

Esse caminho da utilização de diferentes metodologias já foi indicado por muitos autores, citados nesta pesquisa, que através da prática realizada, perceberam que elas realmente podem mudar a atitude do aluno/a, fazendo com que ele/a aborde as aulas de Matemática de modo diferenciado, percebendo que a Matemática é uma área de construção humana, composta de erros, tentativas e acertos.

Partindo disso, os alunos/as podem demonstrar curiosidade em saber como se desenvolveram determinados temas e como será possível um desenvolvimento continuado de teorias matemáticas. Observando a Matemática como uma disciplina que busca soluções para questões sociais, auxiliando no desenvolvimento de tecnologias, melhorando o ambiente onde vivemos o aluno/a pode identificar-se como participante deste meio, com possibilidades de desenvolver conhecimento, compreendendo as teorias e descobrindo suas utilidades, possibilitando uma melhor abordagem de situações diversas.

Os estudos de Gonçalves (2000) enfatizam que o trabalho do/a professora necessita ser voltado para o desenvolvimento de atitudes favoráveis em relação à escola e às disciplinas,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

aumentando a probabilidade de que seus/as alunos/as desenvolvam atitudes mais positivas em relação às mesmas.

Conhecer a relação e o posicionamento de alunos e alunas no ambiente acadêmico é fundamental para podermos falar sobre as relações de gênero neste espaço. Foi com este intuito que registramos nossas experiências ao ministrar a disciplina Didática da Matemática no Curso de Pedagogia e o alcance da Psicologia, no Curso de Matemática. É importante esclarecermos que observando e investigando as relações de gênero, as questões raciais, sociais e relacionadas à sexualidade também se fizeram perceber, mas não serão aprofundadas neste estudo.

Durante as aulas notamos que os alunos/as se organizavam no espaço da sala de aula a partir da relação que estabeleciam com seus pares, ou seja, aproximavam-se por afinidades com predominância de agrupamentos com colegas do mesmo sexo. Percebemos que a interação com colegas do sexo oposto limitava-se às necessidades de produções de trabalhos didáticos. Numa visão panorâmica da sala de aula, registramos, na maioria das vezes, o distanciamento entre homens e mulheres.

Considerando a organização e a operacionalização da disciplina, propusemos a elaboração e apresentação de propostas didáticas e metodológicas para o ensino da Matemática. Registramos que as produções apresentadas pela turma ultrapassaram as expectativas no que tangia à criatividade e à inovação. Porém, apesar das orientações didáticas, esses momentos não ultrapassaram as situações de preferências, em relação à participação com o colega ou com a colega de sala, além do que, vimos que as alunas conseguiram expressar uma desenvoltura mais aprimorada na socialização dos trabalhos em detrimento de ações mais reservadas, tímidas, manifestadas pelos alunos, mesmo quando estiveram pertencentes ao mesmo grupo.

Em outras palavras, podemos afirmar que mesmo trabalhando em grupos, os comportamentos foram distintos considerando a relação entre homens e mulheres e que isso se devia as formas como cada um/a concebia o próprio ensino da matemática e emprestava a ele as marcas do corpo que em si trazia os estereótipos da prática de ensino matemático que elas/es acreditam ser o recomendado para um professor ou professora.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Propusemos um momento de exposição subjetiva, nas duas turmas, sobre as concepções que as alunas e os alunos construíram sobre a Matemática nos dois cursos. Nesse momento sugerimos a construção com material concreto dessa concepção e para a produção desses saberes utilizamo-nos do dispositivo da Sociopoética “O Bicho da Matemática”, sobre essa abordagem filosófica utilizada para a coleta desses dados esclareceremos a seguir: a Sociopoética é toda prática social de produção de conhecimento que afirma a importância do corpo na construção do imaginário, base das abstrações. Ela valoriza as culturas dominadas, as categorias e os conceitos que elas produzem. Nessa perspectiva dinamiza o papel dos/as atores/atrizes pesquisados como co-responsáveis dos conhecimentos produzidos. Assim o papel da criatividade do tipo artística no aprender, no conhecer e no pesquisar ganha maior relevância do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos do saber (GAUTHIER, 1999).

O propósito de realizar um curso recorrendo às referências da Sociopoética surgiu do desejo de despertar o potencial criativo das/os alunas/os através da exploração de suas vivências, da provocação de suas emoções e do derrame dessas nas manifestações artísticas, que foram os nossos dados. Desta maneira averiguamos que a maioria dos/as jovens tiveram experiências negativas com a Matemática ao longo da vida escolar. Contudo, dedicamos um olhar sensível a cada “Bicho” e percebemos que as alunas construíram os monstros mais amedrontadores enquanto que os alunos expressaram as características de seus respectivos monstros de forma mais contida, isto é, fizeram monstros mais simples.

O dispositivo “Bicho da Matemática” nos revelou que as alunas tiveram experiências mais negativas em relação ao ensino de Matemática e conseqüentemente construíram concepções também negativas sobre essa área curricular caracterizando-a como difícil de ser aprendida. Por sua vez, os alunos demonstraram que embora suas experiências também tenham sido negativas, a Matemática não se construiu em suas vidas como um “Bicho” tão aterrorizante.

A nossa tentativa de socialização das experiências a partir do “Bicho da Matemática” foi positiva no sentido de que esses alunos e essas alunas puderam exteriorizar alguns conflitos vivenciados ao longo de suas experiências escolares com o ensino de Matemática. Mas, por outro lado, não conseguimos aproximá-los considerando a natureza de suas experiências. Relatos e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

depoimentos parecidos de moças e rapazes não puderam ser tomados como um instrumento de aproximação nas interações didático-pedagógicas e muito menos na (re)construção das relações de gênero que permeiam o Curso de Pedagogia e de Matemática. Não conseguimos romper os laços e preferências de organização dos seus respectivos grupos de estudos e vimos nisso a necessidade de intervenção no processo de formação dos docentes formadores/as com o objetivo de possibilitar a reflexão dessas posturas e proporcionar situações didáticas e de convivência que desvelem essas relações.

Essas nossas constatações indicam que o fato de homens e mulheres vivenciarem experiências aproximadas em relação ao ensino da Matemática ou possuírem interesses semelhantes em relação à Matemática não significa que tomarão essas particularidades para direcionar estudos e elaborações teórico-práticas durante o desenvolvimento da disciplina, pois permanecerão guiados/as por suas próprias ideologias.

Hipoteticamente podemos afirmar que este fenômeno acontece porque eles/as estão impregnados da forma dicotômica de viver a masculinidade e a feminilidade o que indica que desde muito cedo os/as jovens têm suas identidades de gênero construído com base em papéis sociais atribuídos a um e a outra. Aparentemente, o comportamento de uns e outras revela a forma como foram socializados/as bem como as expectativas que a sociedade tem de cada um/a. É uma forma de se apropriar do poder e fazê-lo circular, no conceito de Foucault (2009).

As relações de gênero são, muitas vezes, silenciadas, não percebidas por professores/as e estudantes. Louro (2001) argumenta que tão importante quanto escutar o que é dito é perceber o que é silenciado. A razão de tal silenciamento também deve ser analisada. Tentar entender os motivos que levam ao silenciamento é fundamental para as discussões de gênero e para a melhora do processo de ensino/aprendizagem.

Os/As jovens demonstraram acanhamentos sutis em relação às dramatizações e exposições orais, mesmo quando estiveram trabalhando em grupos. Por sua vez, as jovens se sobressaíram em desenvoltura considerando os mesmos aspectos observados. O acanhamento ou vergonha de ser ator/atriz no desempenho das atividades didático-pedagógicas reflete-se diretamente no desempenho escolar dos/as estudantes.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

De modo geral, as questões de gênero se mostraram imperceptíveis para nossos/as estudantes como fator que influencia no desenvolvimento e no rendimento das propostas didáticas. Este silenciamento sobre as relações de gênero indica a naturalização destas questões no ambiente escolar. Tão naturais que se tornaram quase imperceptíveis e silenciadas por todos/as. Não perceber como as relações de gênero influenciam na relação desses/as jovens, no ensino e na aprendizagem da matemática é desperdiçar oportunidades de enriquecimento do processo de formação docente. É deixar de proporcionar melhores condições de aprendizagem a todos/as.

Considerações Finais

Pudemos observar que o caminho para a busca da equidade na relação de gênero ainda é longo, embora alguns passos tenham sido dados. Passos esses fundamentais nesta caminhada. No ambiente acadêmico, não obstante existam muitas diferenças entre o comportamento de jovens homens e mulheres, em alguns momentos, existe a interação. São comportamentos diferenciados, porém não podem ser lidos como desiguais. O fato de uns serem mais expansivos/as e comunicativos/as que outros/as nada tem a ver com ser homem ou ser mulher, mas ser humano e ter cada qual o seu próprio jeito de ser, agir e reagir.

Nesse sentido, estudantes de sexos distintos se comunicam nos momentos de lazer, mas raramente em momentos de estudos, talvez isso explique, também, a pouca presença de homens no Curso de Pedagogia e o maior contingente destes, no Curso de Matemática, onde os grupos para aceitarem uma colega, ela precisava estar hierarquicamente no nível dos jovens homens, e poucas são consideradas aptas para isso. As demais se agregam com iguais e tentam superar as dificuldades sob o olhar depreciativo, muitas vezes de um professor.

Os gêneros agem de forma diferenciada e buscam formas distintas de alcançar seus objetivos. Jovens homens e mulheres encontram caminhos diferentes de assegurar suas ambições, seus desejos. Ressaltamos que as ações eram distintas, porém não menos eficazes. As relações de gênero são repletas de poder que perpassam as relações do cotidiano e se manifestam em sala de aula. Os/as estudantes encontravam maneiras eficientes de manifestar seu poder, de fazê-lo transitar,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

circular no espaço da sala de aula. Os gêneros são fatores que estão presentes no cotidiano universitário e raramente são percebidos pelos interlocutores e pelas interlocutoras que nele atuam. Por esse fato são negligenciados e silenciados muitas vezes por todos/as.

Destacamos que: “o autoconceito em relação à matemática é formado por conhecimentos subjetivos (crenças, cognições), as emoções e as intenções de ação sobre si mesmo referentes à matemática”. (CHACÓN, 2003, p. 75). Diante disso, advogamos em favor de um ensino da matemática que desde as séries iniciais possa ser fomento para posturas mais humanas e igualitárias de modo que a matemática possa ser experimentada por meninas e meninos que ao atingir maior idade tragam reminiscências capazes de combaterem quaisquer práticas que apresentem uma matemática de cunho separatista e discriminador. Que a docência seja espaço da adição e da multiplicação das equidades de gênero e das subtrações dos preconceitos. Que a única divisão seja para o compartilhamento dos Direitos Humanos, que inclui a educação de qualidade, na ambiência escolar, de forma particular, na universidade.

Referências

CHACÓN, Inéz M^a Gómez. **Matemática Emocional: Os Afetos na Aprendizagem Matemática**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CURY, Helena Noronha. **Concepções e crenças dos professores de matemática: pesquisas realizadas e significados dos termos utilizados**. Bolema, Rio Claro, v.12, n.13, p. 29-43, 1999.

FERREIRA, Ana Cristina. **O que pensam os estudantes sobre a matemática?** Uma revisão das principais pesquisas sobre crenças em relação matemática, seu ensino e aprendizagem. Boletim GEPEN, Rio de Janeiro, n. 40, p. 40-69, ago.2002.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. **Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo**. Pro-Posições, Campinas, 2003. v. 14, n. 3 (42), p. 121-130.

FOUCAULT, Michel (2009). **Microfísica do poder**. 27. reimp. Rio de Janeiro: Edições Graal.

GAUTHIER, Jacques et ali: **Sociopoética** – encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais na enfermagem e educação. Rio de Janeiro: Editora Escola Anna Nery, UFRJ, 1999.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

GONÇALEZ, Maria Helena de C. de Castro; BRITO, Márcia Regina F. **Atitudes (des)favoráveis com relação a matemática.** Zetetiké, Campinas, v.4, n.6, jul/dez.1996.

GONÇALVES, Tadeu Oliver. **Formação e desenvolvimento profissional de formadores de professores: o caso dos professores da UFPA.** 2000. [s.n.]. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes. 2001.

MAROCO, João. **Análise estatística - com utilização do SPSS.** 2.ed. Lisboa: Sílabo Ltda, 2003.

MINGOTI, Sueli Aparecida. **Análise de dados através de métodos de estatística multivariada: uma abordagem aplicada.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 297 p. 127

RAGO, Margareth. **Descobrimo historicamente o gênero.** Cadernos Pagu, Campinas, 1998. 11, p. 89-98.

SARMENTO, Manuel J. **O estudo de caso etnográfico em Educação.** In: ZAGO, N; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Orgs.). Itinerários de Pesquisa, 2003. Rio de Janeiro: DP&A, p. 109-136.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, 1995. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99.

SIMIÃO, Daniel Schroeter. **Gênero no mundo do trabalho: variações sobre um tema.** Cadernos de Gênero e Tecnologia, 2005, v. 5, ano 2. p. 9-20.